

Com barragem seca, moradores perdem safras e recorrem a cisternas

Principal fonte de água da região, barragem de Jucazinho secou há 5 meses. Colapso do 3º maior reservatório de PE afetou 800 mil pessoas, diz Compesa.

<http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2017/04/com-barragem-seca-moradores-perdem-safras-e-recorrem-cisternas.html>

Joalline

NascimentoDo

G1

Caruaru,

em

Surubim



Barragem de Jucazinho secou há cinco meses e prejudicou mais de 800 mil pessoas (Foto: Joalline Nascimento/G1)

A imagem da barragem de Jucazinho cheia de água está apenas na lembrança dos moradores de [Surubim](#), no Agreste de Pernambuco. O reservatório, que abastecia cerca de 800 mil pessoas de 15 municípios do estado, está seco há cinco meses devido ao sexto ano consecutivo de seca. Cidades da região entraram em colapso, e até mesmo a palma, um tipo de cacto característico da região, está morrendo com a falta de água. Para conseguir sobreviver, moradores têm que recorrer a água de caminhões-pipa e de cisternas comunitárias.

O **G1** mostra, em uma série de reportagens, uma pequena amostra da realidade vivida na

região - e as muitas saídas que encontra para conseguir sobreviver. [Confira aqui as histórias, contadas em cada um dos nove estados do Nordeste brasileiro.](#)

O agricultor Luiz Carlos Silva, de 40 anos, sustentava a família com plantações de milho e feijão, mas a situação mudou no último ano. "Não tem água. Não tenho onde plantar. Perdi minha renda e meu trabalho", lamenta. "Agora, tiro minha renda do Bolsa Família, mas ainda assim é difícil. Eu moro com mais três pessoas em casa: minha esposa, minha vó e meu filho [que tem necessidades especiais]. A falta de água prejudicou tudo", afirma o agricultor.

Desde outubro de 2016, o reservatório de Jucazinho - que é o terceiro maior de Pernambuco - está totalmente seco. Capaz de comportar 327.035.818 milhões de m³, a última vez que Jucazinho chegou a 100% do volume foi em setembro de 2011. "Antes, ninguém nunca ia imaginar que a barragem ia 'sangrar'. Agora, a gente olha e não tem nada", afirma a dona de casa Rafaela Severina de Lima, de 33 anos.



Luiz Carlos é agricultor e perdeu fonte da renda familiar com a falta de água (Foto: Joalline Nascimento/G1)

Rafaela mora com mais três pessoas e diz que há mais de um ano não vê água nas torneiras. "Reproveito de todas as formas que eu posso", destaca. A comunidade do Cajá, onde vive, tem uma cisterna comunitária que comporta cerca de 16 mil litros de água, mas não é o suficiente. "Quando falta, tenho que comprar. Já cheguei a gastar R\$ 200 por mês", afirma a dona de casa.

A também dona de casa Josefa Nascimento, de 54 anos, mora na mesma comunidade de Rafaela e Luiz Carlos. Ao **G1**, ela conta o que tem feito para driblar a falta de água no município. "Está triste, muito difícil. Eu reaproveito a água da lavagem dos pratos e das roupas. É um sofrimento muito grande."



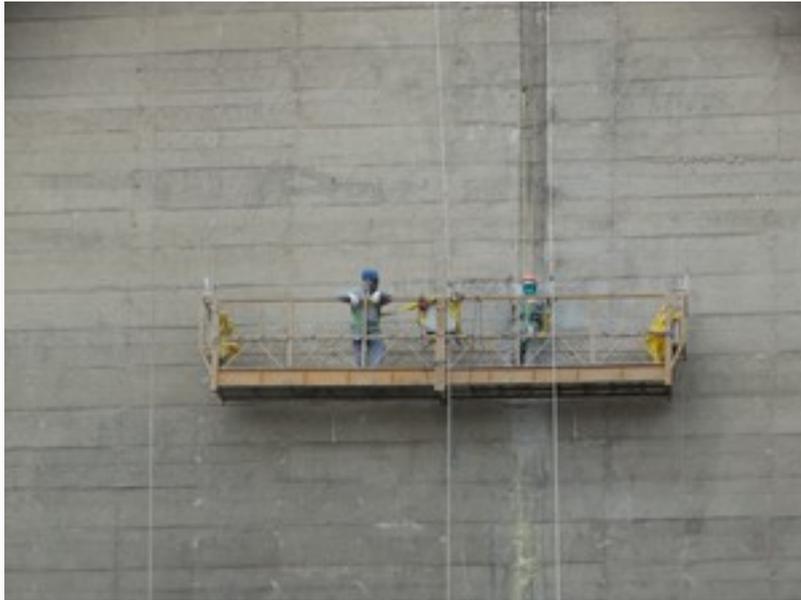
Rafaela lembra da última vez que viu Jucazinho com água em Surubim (Foto: Joalline Nascimento/G1)

De acordo com a Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa), os municípios que recebiam água de Jucazinho eram [Caruaru](#), [Bezerros](#), [Santa Maria do Cambucá](#), [Toritama](#), [Vertentes](#), [Frei Miguelinho](#), [Vertente do Lério](#), [Surubim](#), [Casinhas](#), [Salgadinho](#), [Passira](#), [Riacho das Almas](#), [Cumarú](#), [Gravatá](#) e [Santa Cruz do Capibaribe](#).

Dos 15 municípios, apenas cinco têm outras fontes de água. "Fora Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru, Bezerros, Surubim e Gravatá, as outras dez cidades estão em total colapso e recebem água de caminhões-pipa, além de cisternas comunitárias", informa o gerente do Agreste central da Compesa, Mário Heitor Filho.

Obras

Ao **G1**, Mário Heitor ainda destaca que algumas obras estão em andamento para fazer com que os municípios em colapso recebam água em curto prazo. "Estamos tentando executar as obras do Pirangi e Serro Azul emergencialmente, para que possamos suprir a necessidade da população neste período em que não temos chuvas", diz.



Profissionais trabalham na reparação da barragem de Jucazinho (Foto: Joalline Nascimento/G1)

O gerente da Compesa também ressalta que Jucazinho secou devido aos muitos anos de seca consecutivos que o estado enfrenta. Ele esclarece que a Companhia tem um sistema de monitoramento de seca nos reservatórios de água. "De acordo com a situação de cada manancial, vamos tomando algumas ações para usá-lo o maior tempo possível. Isso aconteceu com Jucazinho. Quando identificamos a situação, tiramos Caruaru do abastecimento, depois Bezerros e Gravatá. Isso foi feito para prolongar o uso do manancial", detalha.

Em visita ao município de Surubim em dezembro de 2016, o presidente da República Michel Temer anunciou R\$ 40 milhões para obras hídricas. Destes, R\$ 12 milhões foram destinados à recuperação e modernização da barragem de Jucazinho. "A necessidade [da reforma] foi identificada a partir de diagnóstico feito pelo Dnocs [Departamento Nacional de Obras Contra as Secas]", segundo o Ministério da Integração Nacional.

Segundo Mário Heitor Filho, esta é uma seca histórica e "não tem como se precaver de uma seca tão severa". Ele afirma que este período de falta de água durava de três a quatro anos, mas, atualmente, está durando quase o dobro do tempo normal.



Planta característica de locais secos, a palma está morrendo por falta de água (Foto: Joalline Nascimento/G1)

Fenômenos influenciam a seca

A Agência Pernambucana de Águas e Clima (Apac) detalha ao **G1** que as causas da ocorrência de seca no estado e na região do semiárido nordestino "são complexas, pois a precipitação que ocorrer nesta região está relacionada a vários fenômenos meteorológicos que tem grandes variações no tempo e no espaço".

Conforme informa a Apac, o principal fenômeno natural que provoca a seca é o "El niño", mas a Zona de Convergência Intertropical também tem influenciado na falta de água. "Este fenômeno interfere na temperatura das águas e dos oceanos", destaca a Agência.

A Apac ainda explica que este é o sexto ano de seca que Pernambuco enfrenta. O último período forte de seca foi entre 1998 e 1999, associado ao "El Niño", que teve seu início em 1997.

Considerando apenas os meses de janeiro e fevereiro, o ano de 2017 foi mais seco que os dois anos anteriores, segundo a Apac. Neste ano, choveu 81% a menos que o esperado, enquanto que em 2015 e 2016 este valor foi de 59% a menos que o esperado e 36%, respectivamente.



Estradas rurais de Surubim retratam situação da seca no Agreste pernambucano (Foto: Joalline Nascimento/G1)

Solo com características de seca
O G1 conversou com a professora Fabíola Gomes, que é graduada e mestre em engenharia civil. Ela afirmou que o ambiente no qual a barragem de Jucazinho está localizada é uma área própria da seca, de Caatinga e pedregosa.

A professora afirma que os solos da região são minerais e não são ricos em água, com boa nutrição. "Nestes horizontes, comumente ocorre uma pedregosidade constituída predominantemente de calhaus, cascalhos e matações de quartzo, às vezes distribuída apenas na superfície do solo. São moderadamente ácidos a praticamente alcalinos, com teores de alumínio extraível insignificantes ou nulos", afirma.



Jucazinho em 2015 e em 2017 (Foto: Divulgação/Compesa;Joalline Nascimento/G1)